

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

MATHEUS FLORES DOS SANTOS

MOVIMENTO CULTURAL HIP-HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA

PORTO ALEGRE

2019

MATHEUS FLORES DOS SANTOS

MOVIMENTO CULTURAL HIP-HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Geografia - Licenciatura do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Geografia.

Orientador: Nestor André Kaercher

PORTO ALEGRE
2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao universo, aos elementos, seres e forças da natureza, toda sua beleza, todos os mistérios, toda sua capacidade geradora, destruidora e regeneradora.

Agradecer ao meus pais, exemplos do que é ser batalhador, e em especial a minha mãe Luciane Flores, exemplo de mulher guerreira, aguerrida, por toda sua força e por todas as dores que sei que passou e vi passar, nunca esquecerei.

Ao meu falecido avô velho índio, as histórias, aos ensinamentos de respeito, cuidado e empatia. Por ter me influenciado ao gosto pela música Latina, e a tocar violão, espero que esteja em paz e feliz, cantando e tocando em volta dos antepassados, em uma terra sem males.

A minha avó Carmem, tenaz, resiliente, amorosa, cuidadosa, a tudo que passou, a toda sua força, te desejo o melhor.

A minha companheira Tainá Mello, exemplo de humanidade, de sensibilidade e empatia, a toda sua força e beleza, a toda a sua paciência comigo, a todas as nossas lutas diárias e a tudo que virá, estaremos juntos.

Ao meu filho Raoni Flores, que me demonstra todos os dias que devo ser melhor e seguir lutando. Sua inocência, suas risadas e todo esse tempo que aprendi e aprenderei contigo. Minha luta é por ti e todos os que virão. Está sempre comigo.

A todos os parceiros da Kalunga Quilombola, aos que passaram e aos que persistem, todos me ensinaram e me ensinam muito. Ao quilombelo e quilombola Mestre Telmo Flores e sua companheira Leila, também exemplos de luta e resistência.

Ao Professor Nestor André por ter me aconselhado e ajudado em momentos que pensava em abandonar o semestre e o curso, e por ter me orientado neste trabalho. Que as utopias se mantenham vivas.

A Professora Cláudia Pires, nosso contato foi pouco, mas nunca deixei de admirar teu trabalho, teus posicionamentos, e as lutas que desempenha nesta Universidade.

Aos meus alunos, pela força, o potencial que possuem, pelos aprendizados que me deram. Vocês me fazem acreditar.

Ao amigo Charles Borges que em 1998 me presenteou com a fita k7 Sobrevivendo no Inferno, Racionais Mcs. Me influenciado a gostar de skate e da rua.

A todos que passaram por mim, que contribuíram para este trabalho, que me modificaram de alguma forma, a Cultura Hip Hop e seus ativistas, aos educadores e a todo povo de luta, que o universo conspira a nosso favor, Aguyjevete, Axé!

RESUMO

Este trabalho trata das minhas experiências, como professor da rede pública de ensino, com a cultura Hip Hop e o ensino de Geografia. Busco trazer reflexões e discussões sobre a origem desta cultura, seu impacto ao chegar em território brasileiro, justificar o por que de usar desta cultura em Geografia, assim como no cumprimento da lei 10.639/03. Trago também propostas e atividades que usei para introduzir temas utilizando dos elementos da cultura Hip Hop. Para além disto, traz a minha relação com esta cultura, com os alunos, o ensino, as possibilidades que o Hip Hop produz, as ferramentas que esta cultura me fornece para docenciar, onde busco que as aulas sejam mais próximas aos alunos, que assim como eu, são moradores de bairros precarizados.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	POR QUE O HIP HOP?.....	10
2.1	Origem da Cultura Hip Hop.....	11
2.2	O impacto da Cultura Hip Hop no Brasil.....	13
3	HIP HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA	18
4	À ESCOLA, ATIVIDADES E PROPOSTAS COM O HIP HOP	25
4.1	“Cada lugar um lugar”.....	25
4.2	Saída de Campo: Casa do Hip Hop de Esteio	28
5	LEI 10.639/03, CULTURA HIP HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA.....	31
6	A POPULAÇÃO NEGRA INVISIBILIZADA EM PORTO ALEGRE.....	36
7	NORTE NORDESTE	38
8	CONCLUSÃO.....	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Ao ver uma parede grafitada, ouvir uma música, sua batida, sua letra, uma dança de rua, percebo em como isto tudo mobiliza a juventude. E como a cultura Hip Hop se manifesta a partir da ocupação das ruas, se torna perceptível que ocupá-las tem o poder de mudar nossas relações com o espaço e com o mundo. A leitura que faço é que a cultura Hip Hop surge como uma reação ao cotidiano violento, segregador, bruto e desumanizador dos espaços urbanos hierarquizados pela lógica capitalista neocolonialista. Uma cultura marginal que se mundializou, e que foi absorvido por diferentes culturas, ganhando outros espaços, ganhando novas contextualizações, sendo aderido por outros grupos, como por exemplo os povos indígenas, e se diversificando, servindo atualmente a diferentes propósitos e causas. Neste sentido é importante frisar que os exemplos dados aqui são de artistas ativistas, ou artistas que no mínimo trazem um discurso que compactua com as origens da cultura Hip Hop, tratando de união, paz entre os moradores das periferias, luta por direitos básicos, valorização cultural, luta antirracista e identidade racial, aconselhar e fazer denúncias sobre os problemas sociais e toda violência sofrida por estes.

Também acredito ser importante ressaltar o papel desta cultura, que se estrutura em elementos como o DJ, Break Dance, Grafite, e em específico o elemento Rap (Ritmo e Poesia) e o elemento conhecimento na minha formação. Gosto de pensar que o Rap foi como ter lido pela primeira vez o primeiro capítulo do livro *Condenados da Terra*¹ de Fanon, literalmente uma “pedrada” na minha cabeça. Os primeiros contatos foram difíceis pela agressividade de ambos. Foi por ter ouvido Rap, assim como em outro momento da vida, ler Fanon, que passei a compreender, ter um pouco mais de conhecimento sobre nós, periféricos, precarizados, marginalizados em diferentes escalas.

Por falar de nós, sobre nossa situação, me fez abrir os olhos a coisas que não me dava conta, que não tinha tomado consciência, que professor algum tinha tido tal didática para me mostrar da violência que sofremos, suas causas e consequências. Ambos são carregados de uma subversividade que no meu ver instiga, que é entusiasmante. Quando Fanon (1968, p. 25) escreve logo no início de seu primeiro

¹ FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

parágrafo que, “ a descolonização é um fenômeno violento” me provocou um choque de início. Assim como quando escutei pela primeira vez o rapper Mano Brown cantar “terrorista da periferia...” ou “efeito colateral que seu sistema fez...” entre outras coisas, os sentimentos foram os mesmos.

Foi por causa de um amigo, aquele que os mais velhos chamam de má companhia, que ao me presentear com uma fita k7 com escritos Sobrevivendo no Inferno, Racionais Mcs, que esta “pedrada”, estes estalos começaram a surgir. A subversão, a raiva contida naquelas músicas, ao mesmo tempo os conselhos, os choques de realidade ao ouvir aquilo influenciaram nas minhas escolhas e atitudes.

E muito embora nos primeiros contatos eu não fizesse uma reflexão profunda sobre as letras das músicas na adolescência, me serviu como um ponto de partida para passar a questionar o mundo e buscar compreendê-lo, de posteriormente passar a ter sonhos de um mundo mais justo, “um mundo onde caibam todos os mundos” como diz um dos lemas do Exército Zapatista de Libertação Nacional², a me motivar, a me dar conselhos, como afirma certo trecho da música, *“você não pode parar, esperar o tempo ruim vir te abraçar, acreditar que sonhar sempre é preciso, é o que mantém os irmãos vivos”* (Mcs, Racionais. 2002, A vida é desafio). Em alguns momentos o Rap literalmente foi o conselho de pai e mãe que por precisarem exercer longas e exaustivas jornadas de trabalho, acabavam ficando distantes, ausentes e não puderam me orientar sobre certos caminhos que eu poderia porventura pegar. Aliás, apesar de não existirem dados oficiais, a quantidade de pessoas, seja em documentários, revistas, televisão ou nas ruas, que dizem que o Rap salvou a sua vida é surpreendente. Muitas vezes é de fazer arrepiar saber o que essas pessoas faziam antes do Rap, de pensar sobre o potencial que não só o Rap, mas a cultura Hip Hop possui.

Se tratando da minha jornada com o ensino de Geografia, que surgiu de maneira mais vagarosa, a curiosidade de docenciar talvez tenha aparecido por influência de um casal de tios professores, porém nunca foi algo premeditado. Me guiei pelo o que me parecia interessante, e conveniente ao período em que vivia. Em resumo só sabia o que não queria: tanto seguir a carreira de mecânico, quanto prestar vestibular para engenharia estavam na lista do que eu queria manter

² Exército Zapatista de Libertação Nacional surgiu para o mundo em 1º de janeiro de 1994, em Chiapas, e se caracteriza por ser um movimento indígena que busca autonomia econômica e política, reconhecimento e respeito aos povos originários e a seus territórios.

distância. Além disto, sinceramente fazer um curso de graduação parecia tão distante que na época não havia parado para pensar: Por que Geografia? Por que ser professor? Acredito que juntou o gosto de estar próximo a juventude ao de esperar um mundo melhor. Com o decorrer do curso que fui começando a relacionar a Geografia com o Rap, e posteriormente a cultura Hip Hop, a ler esporadicamente textos sobre o assunto, a me ligar com mais profundidade ao conteúdo das letras e das batidas, a olhar com mais atenção as paredes e muros grafitados nos espaços em que circulava.

Após me tornar professor da rede pública estadual de ensino, em 2017 na cidade de Porto Alegre, passei a incorporar nas aulas os elementos da cultura Hip Hop. Primeiro por ver Geografia na cultura, depois por ser uma linguagem jovem, e por último por me sentir mais à vontade trabalhando desta maneira, sentir que estou sendo sincero nas minhas práticas e com os alunos. Até então isto me possibilitou problematizar e refletir o cotidiano e a realidade destes jovens, ou no mínimo “cutucá-los” por algum instante. Não quero dizer em nenhum momento que os alunos saem das aulas realizados, transformados, ou que em todas as aulas uso de elementos da cultura Hip Hop, ou que alguns momentos não acham chato (às vezes parece que tudo o que fazemos é chato para eles), mas busco deixá-los mais sensíveis, atentos, mais empáticos, o que, caso consiga, já me parece uma vitória.

2 POR QUE O HIP HOP?

Como colocado anteriormente, fui influenciado pela cultura Hip Hop, e vejo os jovens ligados, influenciados também a esta cultura. Ao longo dos seus aproximados quarenta anos de existência o movimento cultural Hip Hop vem ganhando cada vez mais espaço entre a juventude, se renovando e incorporando cada vez mais elementos e características locais, regionais e globais. O movimento que surgiu em meio a crise econômica, reformas urbanas, desestruturação social, e avanço de políticas neoliberais nos Estados Unidos, coloca o jovem negro, latino e periférico em uma posição de superação das adversidades e injustiças sociais impostas, possibilitando que este jovem se situe no mundo, dando voz e o empoderando, também proporcionando torná-lo protagonista de sua própria história, fazendo com que este atue no espaço geográfico expressando, reivindicando e produzindo novas leituras no mundo. Ao chegar no Brasil, na metade da década de 80, não poderia ser diferente, a cultura Hip-Hop, fez com que excluídos ganhassem voz e pudessem em princípio, expressar suas angústias, suas necessidades, denunciar as inúmeras violências sofridas em seu cotidiano, refletir sobre sua realidade, aconselhar, como rima Thaide e DJ Hum, em certo trecho da música “Ninguém sabe”;

...Nas ruas, a pé ou não, exposto a qualquer coisa, encara tudo pra poder ganhar o pão. Aquele mês foi barra-pesada, evitando conflitos, passou batido das parada errada. Ontem eu passava em frente ao velório de um. E na esquina ouvi pá, pá, pá, pá, bum! E a população passa horrores, nessa guerra suburbana onde não existem vencedores. A faixa etária não muda da noite pro dia, o jovem vive e morre cedo na periferia. É por causa da mina, é por causa da droga, é por causa da rixa que tem lá na escola. Quem paga o preço são os pais, os amigos, os irmãos, que reconhecem o corpo estendido no chão. Por isso sempre digo, volto a insistir, pense muito pra entrar, porque é difícil sair. Não falo só de tráfico, roubo ou coisa e tal, tome cuidado, falo de tudo, das treta em geral. Se estiver angustiado reze ao senhor do bonfim, porque a nossa vida não tem que ser assim... (THAÍDE; HUM, 2001).

E é neste contexto que é necessário compreender a importância do Hip-Hop como um movimento cultural que traz experiências vivenciadas pelos moradores das periferias, que aconselha, que atua como agente que resgata a autoestima do jovem de periferia, que pode o fortalecer, abrir outros caminhos, possibilitar a criação de vínculos com sua comunidade e criar uma identidade que é dos bairros

periféricos. As rimas, a arte plástica, a dança, o ritmo, e o conhecimento trazidos para as aulas de Geografia possibilitam que o jovem da periferia se sinta representado em sala de aula, se posicione, fortaleça conhecimentos que são trazidos pela cultura e que podem ser aprofundados dentro da perspectiva da Geografia. Também neste sentido o movimento Hip Hop traz junto com seus elementos não só uma linguagem e estética característica a contemporaneidade do jovem, mas também características ancestrais de povos tradicionais, introduzidos e incorporados de forma proposital ou não por estes jovens, sendo transmitido através da oralidade, expressão corporal, pintura, conhecimento, representatividade, e ancestralidade étnico-cultural, e conhecimento, facilitando assim para pôr em prática e fazer sair do papel a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da cultura afrobrasileira e africana.

2.1 Origem da Cultura Hip Hop

O contexto no qual surgiu o movimento Hip Hop nos Estados Unidos está diretamente associado a crises econômicas ocorridas na segunda metade do século XX, ao enfraquecimento de políticas públicas e ao neoliberalismo como resposta a estas crises, suas consequências estão relacionadas ao:

Reordenamento urbano, em que vários bairros pobres americanos foram postos abaixo a fim de serem substituídos por grandes avenidas e espaços privativos como clubes, *shopping centers*, condomínios fechados, etc. Os mais atingidos foram as populações negra e hispânica moradores dos subúrbios americanos. No campo social, o resultado foi o aumento do desemprego, a precarização do trabalho e o aprofundamento da miséria e da violência (SANTOS, 2011, p.17).

Sendo assim o movimento cultural Hip Hop surge não só como resposta ao descaso, a marginalização, precarização e toda forma de violência promovida pelo Estado norte americano, além da violência ocorrida entre facções, às minorias e seus territórios, mas também como a conexão cultural entre imigrantes jamaicanos, a população negra em diáspora dos Estados Unidos e imigrantes de diferentes regiões da América Latina. Além disto influenciados por grupos organizados e figuras importantes como os Panteras Negras, Malcom X, Martin Luther King e Angela Davis, que lutavam por direitos sociais básicos e contra o racismo. Como aponta Denilson Araujo de Oliveira, “O Hip (quadris) Hop (mexer, saltar) nasce como

uma cultura política negra tendo o corpo como elemento central. Isto é, os corpos que eram vistos como potenciais criminosos pelo discurso conservador passam a criar uma nova forma de viver na metrópole.” (OLIVEIRA, 2010, p. 77).

Neste sentido como afirma Raibaud³ (apud SILVA; FARIA, 2018, p. 886) “as práticas musicais de cada povo são geo-indicadores da organização dos territórios, articulando com valores culturais, sociais, e mesmo com o sentimento de pertencimento”. Porém cabe lembrar que o Hip Hop em sua essência transcende a musicalidade, por se tratar de uma interculturalidade, re-existência e resistência que abrange diferentes formas de se expressar e atuar no espaço geográfico. Portanto, além da musicalidade expressada pelas batidas criadas pelos Djs e Beatmakers, das poesias rimadas pelos Mcs, e pela dança Break, também vemos o Grafite, transformando a paisagem bucólica, acinzentada e caótica dos grandes centros urbanos em galerias de arte a céu aberto, deixando em evidência as contradições de uma cidade que não representa a juventude, territorializando o espaço urbano.

Temos como último elemento, trazido pelo Dj Afrika Bambaataa (apud KENY, 2016)⁴ o conhecimento, como base para transmissão e produção de ideias através dos demais elementos, como fala em entrevista, “o Hip Hop é conhecimento, cultura, entendimento, autoconhecimento, conhecimento sobre os outros”. E tudo isto vem influenciado por uma estética cultural e filosófica anterior a Cultura Hip Hop, porém que foi fundado apenas na década de noventa. As ideias Afrofuturistas⁵ disseminadas pelo músico Sun Ra, e outros pensadores, artistas e escritores na segunda metade do século XX, relacionando misticismo, mitologia, ancestralidade, tecnologia, com pitadas de ficção científica, serviu como alicerce naquele período, para Bambaataa incorporar essas ideias a cultura Hip Hop. Bambaataa (2016), ainda afirma que, “gostaria de ver as pessoas prestarem atenção à ciência do Hip Hop. A parte de conhecimento, o lado político. Eu sempre digo que o Hip Hop vai se tornar

³ RAIBAUD, Y. Comment la musique vient aux territoires. Bourdeaux: MSHA, 2008.

⁴ KENY, D. Afrika Bambaataa e a Origem do Hip-Hop. **Revista Raça**, São Paulo, n. 182, out. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>. Acesso em: 25 out. 2019.

⁵ Afrofuturismo é um conceito criado na década de 90, mas suas ideias já eram difundidas na década de 50 por músicos, artistas plásticos e de diversas áreas, escritores e ativistas. Seu objetivo é tirar dos povos africanos em diáspora e povos do continente Africano a visão etnocentrista de selvagens, atrasados, sem conhecimento, ou sem sua própria ciência. Traz consigo a cultura negra de uma forma geram, cosmologias, simbologias, misticismo, religião associados ao futuro, conhecimento e tecnologia, sendo visível na estética, na literatura, no cinema, na música e nas artes em geral.

universal, assim como nós nos tornamos uma união galáctica”, reafirmando o que considera como o eixo orientador da cultura Hip Hop e sua influência Afrofuturista.

2.2 O impacto da Cultura Hip Hop no Brasil

No território nacional a cultura Hip Hop chega em um contexto de forte avanço da globalização capitalista e do modo de vida norte americano. O desenvolvimento tecnológico dos meios de informação, transporte e comunicação, mesmo em um período pré-internet, facilitam a chegada da cultura Hip Hop no país, que naquele momento era marcado por uma forte influência cultural e midiática norte americana. Com o filme **Beat Street** (lançado no Brasil como "Na Onda do Break", 1984) muitos jovens naquele período puderam conhecer um pouco da cultura Hip Hop, passar a pesquisar mais sobre, a incorporar suas práticas e a contextualizá-las a realidade e situação local. Para Postali,

O Hip-Hop chegou ao Brasil no início da década de 1980, por meio de equipes responsáveis pela organização de bailes e de poucas revistas e discos comercializados na cidade de São Paulo. O movimento começou com o encontro de jovens, em sua maioria afro-brasileiros, na Rua 24 de Maio. Esses jovens se reuniam para praticar o break, fazendo da dança o primeiro elemento do movimento a ser praticado no Brasil. (POSTALI, 2011, p. 10).

O que permitiu que posteriormente pudesse se desenvolver outros elementos como o Dj e por conseguinte o Mc (Mestre de Cerimônia).

Para Eduardo Taddeo (2012, p. 117), o Hip Hop, em específico o elemento Rap, “provocou uma revolução popular sem precedentes”, ele afirma que,

Após o desembarque em São Paulo, do protesto ritmado, rimado e carregado de doses filosóficas iluminadas, há mais de trinta anos, as mentes de vários excluídos, até então, voltadas para a diversão e futilidades, passaram a tomar ciência de sua situação socioeconômica discriminatória. (TADDEO, 2012, p. 117).

Os discursos utilizados pelos mestres de cerimônia (Mcs) e pela cultura Hip Hop em geral, retratam a situação calamitosa em que viviam e vivem os moradores das periferias, trazia um discurso de união, liberdade, igualdade de direitos sociais e raciais, paz e fraternidade entre os moradores dos guetos e democracia, ou seja o Hip Hop em princípio denunciava, discursava e buscava melhorias para os povos

excluídos. O que me faz concordar em partes com a afirmativa de Taddeo, pois no meu ver o Hip Hop aparece para a juventude como um novo paradigma, um exemplo de representatividade para a juventude marginalizada, uma revolução no sentido estético e cultural no contexto nacional e internacional, que fez emergir algumas pessoas conscientes sobre a sua situação, e que buscaram de diferentes formas que outras pessoas tomassem consciência.

Devemos levar em conta também que a ausência de movimentos culturais que contribuíssem para a valorização da cultura e identidade negra e periférica no país, a forma como os moradores ainda são tratados pelos setores público e privados, na desigualdade e preconceito racial, a ausência de políticas que facilitem o acesso à terra e a moradia digna, a forma como a polícia atua dentro das comunidades, ou como são tratados os moradores de bairros nobres e como é o tratamento para nós moradores de periferia pelas autoridades, a busca de direitos que no fundo eram progressistas, direitos e valores disseminados e incorporados pela burguesia brasileira, mas que nunca chegaram aos bairros periféricos, em conjunto com a linguagem, estética, agressividade, e temas abordados pelo Hip Hop, contribuíram para esta cultura ser assimilada pela juventude, e provocasse para Taddeo um “despertar da razão”.

Por isto, segundo Taddeo, “esse despertar da razão gerou uma corrente inquebrável de militantes e ativistas, dispostos a enormes sacrifícios para anular a invisibilidade social do motor da nação” (TADDEO, 2012. p. 117). Muitos destes ativistas surgem em um contexto de fim da ditadura militar, abertura política e redemocratização, e que portanto foram influenciados, fizeram parte ou colaboraram com diferentes coletivos, movimentos sociais e partidos que buscavam apoio da população e uma mudança da conjuntura política daquele período. Podemos pegar como exemplos de ativistas o rapper, ator e escritor Mv Bill, premiado como uma das dez pessoas mais militantes no mundo na última década pela ONU, que em conjunto com a Rapper Nega Giza e outros parceiros, fundaram a CUFA (Central Única das Favelas) cujo o objetivo segundo o site oficial da organização, seria a conscientização das camadas desprivilegiadas da população com oficinas de capacitação profissional, entre outras atividades, que elevam a autoestima da periferia quando levam conhecimento a ela, oferecendo-lhe novas perspectivas.

Mv Bill também lançou em 2005, junto com Celso Athayde, produtor de eventos e ativista social brasileiro, o livro *Cabeça de Porco*. No ano seguinte lançou

“Falcão - Meninos do Tráfico”, disponibilizado em livro e DVD, que tornou-se conhecido nacionalmente após exibição em programas de televisão, além de lançar álbuns de música como “Traficando Informação” em 1999, “Declaração de Guerra” em 2003 e “Causa e Efeito” em 2010, cujo certo trecho dessa música diz;

...Que a polícia continua sendo o braço governamental, na favela dissemina o mal, com suas fardas e caveirões, a serviço daqueles que controlam opiniões, que roubam milhões, donos de mansões, constrói a riqueza com a fraqueza de multidões. Tubarões engolem o peixe pequeno, não vejo plantação de coca no nosso terreno. Vai além, vejo plantações de vida, de sonhos, de morte, ferida, que não cicatriza, que não ameniza. Se o clima tiver tenso a paz não se estabiliza. Pra mim é muito fácil de ser entendido, sem educação vários de nós vai virar bandido. E a nossa pena não é branda, perdemos a infância, a juventude a fila anda. Menos pra quem tem família com dinheiro, que paga pelo erro do filho o tempo inteiro. Não é assim com a gente, nova operação policial leva a alma de um inocente, deixa a criança ferida com bala perdida, mais punição como medida. Revelando a incompetência, tenho complemento no refrão que há na sequência. Combatente, não aceita, comando de canalha que a nós não respeita. Excluído, iludido, quem nasce na favela é visto como bandido. Rouba muito, magnata, não vai para cadeia e usa terno e gravata. Causa e efeito, só dever, sem direito...(BILL, Mv., 2010, Causa e Efeito).

Onde traça uma relação ainda muito presente nas comunidades que vivem às margens do sistema, onde podemos perceber como a *necropolítica*⁶ implementada pelo Estado Nacional, produz um efeito devastador na vida das populações excluídas no Brasil, que são empurradas para atuar na informalidade e criminalidade. Servindo assim como justificativa para posteriormente serem presas, ou assassinadas pelos agentes do Estado.

Portanto, se tratando do contexto brasileiro, o ativismo e a militância entre pessoas ligados de alguma forma ao movimento Hip Hop extrapola o uso das artes como recurso para levar conscientização entre as pessoas, e buscar anular a invisibilidade social. Vemos também a criação de organizações não governamentais, como a Zulu Nation, criada por Afrika Bombataa, a Casa do Hip Hop de Esteio, vou retomá-la em Hip Hop e ensino de Geografia, que está localizada na região metropolitana de Porto Alegre, além de outras casas do Hip Hop pelo país. A própria CUFA (Central Única das Favelas) que relatei acima. Também presenciamos a criação de eventos autônomos como batalhas de rua, onde os oponentes, se tratando da batalha de conhecimento, rimam sobre um tema em específico, e são

⁶ Necropolítica é um conceito criado pelo Filósofo Africano Achille Mbembe e diz respeito ao uso do poder social e dá força para ditar como algumas pessoas podem viver e como algumas devem morrer.

avaliados por jurados que fazem parte da plateia, e inúmeras outras atividades, eventos, junções, parcerias que não visam apenas a disseminação e a produção cultural, mas a valorização da cultura, outras formas de produzir conhecimento e emancipação dos jovens.

Estes músicos, dançarinos e grafiteiros muitas vezes são educadores, oficinairos, participam de movimentos sociais, são palestrantes em penitenciárias e escolas, formam associações, casas de cultura e assim por diante. Ou seja utilizam de diversos meios para resgatar jovens em situação vulnerável, mostrar outros caminhos possíveis, diminuir conflitos em comunidades, e buscar soluções para problemas comumente naturalizadas/invisibilizadas pelos grupos dominantes. Eduardo Taddeo ainda afirma que:

A semente plantada pelo RAP fez germinar os pensadores dos barracos, que pleiteiam: a igualdade jurídica; a liberdade religiosa, cultural, de expressão e de ir e vir; o direito à vida e à dignidade; oportunidades que permitam a elevação social e o crescimento intelectual; a representatividade proporcional de seus pares em todos os âmbitos nacionais; a revisão da história e a proteção contra todo e qualquer tipo de opressão. Sem esse aprendizado marginal adquirido por meio dos discos de vinil, das rádios comunitárias e dos bailes blacks, eu continuaria com a mentalidade do ginásio, acreditando que todos os nomes propagandeados pelos planos educacionais dos inimigos eram os dos mocinhos do longa-metragem de drama. (TADDEO, 2012, p. 117).

Ou seja, é de suma importância relacionar no contexto brasileiro o rap, e os diferentes elementos da cultura Hip Hop, com pessoas marginalizadas se tornando ativistas culturais, buscando direitos básicos, reparação histórica, questionando a cultura, moral e lógica eurocêntrica das instituições governamentais, do ensino e grande mídia, que a todo momento são propagandeados, como afirma acima Taddeo, e assimilados como uma verdade única pela população de forma geral.

Acredito ser importante ressaltar também que os bailes Blacks, os encontros, como na rua vinte e quatro de maio na cidade de São Paulo, ou em Porto Alegre na Esquina Do Zaire, Esquina Democrática, onde até hoje ocorrem encontros tanto ligado a cultura Hip Hop como carnavalesca. Assim como as batalhas de elementos, as rádios comunitárias, possibilitaram a demarcação desta cultura nos espaços urbanos marginalizados ou não, o fortalecimento da construção de uma identidade e estética negra e da periferia, permitiram trocas de informação da situação de cada bairro, trocas de conhecimento, liberdade de manifestar sua cultura e suas angústias. Ou seja, desde a sua chegada ao Brasil, a cultura Hip Hop trouxe práticas

que agrupavam e unificavam a população marginalizada, um olhar e uma leitura que questiona a ordem social, que propõe resgatar o lado dos de baixo dos acontecimentos e momentos, valorizar a cultura negra e latina, trazer o olhar destes sobre o mundo, buscando a difusão e produção de informação e conhecimento por diversos meios.

3 HIP HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA

É indiscutível o poder e a importância que as diferentes expressões culturais e artísticas desempenharam e desempenham ao longo da história da humanidade, demarcando assim a territorialidade de diferentes povos e nações no espaço passado e presente. Podendo, estas expressões, servir como ferramentas, desde que contextualizadas, ao ensino de qualquer área do conhecimento, inclusive na geografia. Porém cabe aqui ressaltar que quando falamos de Hip Hop estamos falando de um movimento que é cultural, ou seja, que surge para movimentar, modificar, criar brechas em um espaço geográfico marcado por diversas opressões, segregações, cerceamentos e desigualdades, indo portanto ao encontro de uma educação emancipadora, que parte das vivências e do cotidiano dos sujeitos. Como afirmam Santos e Mafra,

O hip hop, desde sua origem, funde, num único processo, os elementos sociais e artísticos, constituindo-se como uma espécie de movimento de emancipação social pela arte, especialmente nos locais mais oprimidos do mundo, como as violentas periferias das metrópoles, onde as tentativas clássicas de intervenção educativa sempre fracassaram” (SANTOS; MAFRA, 2018, p. 347)

Sendo sua linguagem e estética facilmente absorvida pelos sujeitos oprimidos nos diferentes lugares do mundo, e em diferentes contextos, buscando a emancipação destes sujeitos, termo este tão abordado por Paulo Freire em seus escritos e práticas, e que por isso utilizado neste trabalho, e admirado por quem o escreve. Cabe lembrar que Freire, enquanto secretário da educação da cidade de São Paulo em 1989, antenado as possibilidades e ao potencial da cultura Hip Hop, cria junto a pessoas ligadas a este movimento cultural, o projeto RAPensando a Educação, trazia palestras em escolas de bairros periféricos, com figuras que passariam a se tornar importantes referências para o rap nacional, como o grupo Racionais Mcs, tratando de questões que envolvem o cotidiano da periferia.

Em vista disto a cultura Hip Hop e seus elementos, sendo usados como ferramenta interdisciplinar para o ensino de geografia, fortalece as possibilidades dadas por esta disciplina, cujo a função como aponta Santos (2010, p. 142), serve para “se posicionar no mundo”, e como o mesmo coloca, “se posicionar no mundo é,

portanto, conhecer a sua posição no mundo e tomar posição neste mundo, agir”, e portanto buscar modificá-lo.

Como tratar e refletir o cotidiano vivido é um dos discursos da cultura Hip-Hop, e o cotidiano nos mostra como territorializamos e produzimos o espaço geográfico, temos então a possibilidade de, através dos elementos do Hip Hop, e seu discurso político, aproximar os problemas enfrentados pelos alunos aos temas abordados pela Geografia, como afirma Santos (2010, p. 143), “os conhecimentos que são trabalhados na Geografia permitem aos indivíduos e grupos relacionar o “mundo como um todo” ao seu “mundo vivido””, e, portanto, preencher “lacunas” de informação e conhecimento que por naturalizarmos ou não questionarmos no cotidiano, nos dificultam de tomarmos um posicionamento no mundo.

Tomar conhecimento de como os lugares se relacionam, como um tênis, celular, um carro, etc, são fabricados, e em que condições, ou como uma arma chega nas mãos de uma pessoa, quais os custos sociais disto, onde, em que circunstâncias e por quem é fabricado, quais fronteiras teve que cruzar para chegar em uma loja ou nas mãos de um menino de bermuda e chinelo, perguntas simples mas que passam despercebidas, permitem que possamos fazer conexões que possibilitam a nos posicionar. Gosto de pensar no trecho da música “Periferia é periferia” dos Racionais Mcs, que costumo trabalhar em sala de aula, e traz a seguinte denúncia; *“Quem vende a droga pra quem? Hã! Vem pra cá de avião ou pelo porto, cais, não conheço pobre dono de aeroporto e mais, fico triste por saber e ver, que quem morre no dia a dia é igual a eu e a você”*. Ou seja, a própria rima da música já te induz a relacionar lugares e a fazer questionamentos que podem ser debatidos e aprofundados através do conhecimento geográfico.

Pensar quais são os países produtores de determinado tipo de entorpecente, como elas conseguem atravessar as fronteiras, em quais lugares esta droga será vendida, por quem vai ser consumida, majoritariamente qual classe, quem vai ser preso ou morto e qual seu tom de pele, nos permite perceber como o submundo do crime organizado, frente ao fracasso da política de guerra às drogas, também está tramado por uma rede indissociável, ou seja globalizado, e esses avanços tecnológicos, que permitiram maior acesso a informação, encurtamento do tempo e do espaço, possibilitando um maior fluxo de mercadorias, também fortaleceram as mais diversas formas de atuar do crime organizado. A partir disto podemos perceber uma DIT (Divisão Internacional do Trabalho), relacionar junto aos alunos, em

diferentes escalas de análise, algo que pode ser vivenciado por alguns em menor escala, ou que no mínimo é acompanhado através dos diferentes meios de comunicação por estes.

Com isso, como afirma Kaercher, “a geografia pode sim desvelar (tirar véus) coisas que estão encobertas. Não no sentido de mostrar agora o lado “real, “correto” das coisas. Mas, simplesmente, mostrar que sempre há mais de uma leitura possível” (KAERCHER, 2009, p. 152). E a partir disso sair do senso comum, nos orientar, conhecer nossa posição no mundo e questionar discursos que são convenientes apenas para um grupo restrito de pessoas, mas assimilado, internalizado e reproduzido por nós.

Vejo neste sentido, o papel do professor de Geografia como fundamental para possibilitar novas leituras de mundo, propiciar a reflexão sobre o espaço, a partir de práticas singelas, mas que causam o desconforto necessário para o questionamento e reflexão por parte dos alunos. Um exemplo simples, mas que sempre promove este desconforto entre meus alunos é quando uso o mapa mundi com o sul na parte superior, ou no topo da representação cartográfica. Sempre ocorre dos alunos perguntarem; “Sor, tu botou o mapa de cabeça para baixo”, ou “tu botou o mapa errado sor.” E por que está errado? Pergunto. Por que de “cabeça para baixo?” Ou seja, uma convenção, criada a partir do processo de colonização é internalizada a tal ponto que passamos a enxergar uma representação espacial, o norte no topo, como uma verdade única, passamos basear nossa orientação, nosso olhar sobre o mundo, através do que o outro nos impõe como verdade. Portanto cabe a nós também questionarmos o que vamos ensinar, e a partir de qual orientação, qual ponto de vista, e quais outros olhares eu posso trazer para sala de aula. Isto ajuda a desconstruir e recriar, descolonizar, promover outras leituras de mundo, e como o já colocado, ajuda a nós compreendermos este mundo e passarmos a nos posicionar nele.

Percebo, dentro da minha realidade escolar, contextualizada mais adiante neste trabalho, a partir destes exemplos de atividades citadas acima, que é possível levar os alunos a reflexões sobre assuntos que passam despercebidos, aparentam serem óbvias, mas que muitas vezes não são óbvias nem para nós professores, com simples atividades, que não demandam tantos recursos. Que estes alunos, por vezes se sentem mais confortáveis para se expressar, por estar trazendo discussões e reflexões que envolvem suas vivências, não para ser legal com os

alunos, “ah, o sor traz rap, usa Hip Hop, fala da favela”, como já ouvi algumas vezes. Não! Mas por que a cultura Hip Hop, as vivências dos alunos, assim como a Geografia tem muito a nos ensinar, tem muito a nos dizer. Nada mais sensato que conciliar uma ciência que está presente e se constrói no cotidiano com uma leitura dos ativistas culturais que vêm de situações muito próximas vivenciadas tanto pelos alunos quanto por quem escreve este trabalho.

Com isso, não precisei ficar amarrado ao conteúdo, e sim buscar desenvolvê-lo a partir das nossas vivências. Passar a refletir o espaço geográfico, e buscar outras leituras deste, tendo como ponto de partida o cotidiano dos alunos moradores de bairros marginalizados, ou a partir da cultura que vem dos marginalizados. Como coloca Kaercher, “um ensino que não prioriza o conteúdo tradicional e que procura conciliar os conhecimentos do cotidiano aliando-o à reflexão acerca do espaço” (KAERCHER, 2009, p.156). E, dentro desta minha vivência, pude presenciar alunos mais atentos, participativos, percebi se sentirem representados.

Lembrar de como eram minhas aulas, quando estava no ensino médio, e de alguns professores da época, aparentemente de uma classe mais abastada, muitos por vezes agiam como se houvesse uma barreira intransponível entre professor e aluno. Em sua grande maioria brancos, preocupados com o conteúdo, como se precisássemos virar técnicos sobre determinado assunto, alguns inclusive fortalecendo atitudes preconceituosas sobre alunos moradores de determinado bairro, ou orientação sexual de tal colega. Lembrar deste espaço escolar, me faz ter nitidez do que não quero ser enquanto professor e do quanto eu gostaria que a escola fosse. Percebo que sentia uma ausência de pertencimento e representatividade, penso que no fundo não me diziam nada, me sentia distante das aulas, mas me forçava a ouvir pela necessidade de sair logo, ou de desistir do ensino médio de uma vez.

Porém cabe ressaltar que encontrei outros professores, que recorde serem mais ouvintes, que compreendiam que alguns alunos trabalhavam em outro turno, que talvez não fossem os mais afetuosos, mas que contextualizavam suas áreas de ensino com o cotidiano, a exemplo dos professores de física e química, que encenavam em sala como seria determinada teoria, ou solicitavam materiais simples para vermos o que acontecia quando se misturava tais soluções. Faziam ter sentido seus conteúdos para nós, e mostravam paixão apesar de todos os problemas que

enfrentavam e enfrentamos nas escolas, estes acabaram me influenciando de forma positiva inclusive no sentido de querer seguir por este caminho.

Acho interessante buscar refletir em como os espaços escolares, instituições de forma geral, são projeções materializados no espaço do que o pensamento dominante colonialista acredita ser o melhor para nós, e em como esses espaços servem como fronteiras naturais para repelir, contribuírem para a desistência do que poderiam vir a ser futuras perspectivas e sonhos. Por isso a cultura Hip Hop em sala de aula pode produzir uma representatividade que traz o aluno para dentro da aula, que pode ajudar a tirar os estigmas que uma moradora de periferia carrega consigo, permitindo com que o aluno sinta que aquele também pode ser o seu lugar. Quero dizer que, perceber que uma pessoa que é marginalizada também produz cultura e conhecimento, e com o mínimo de recursos, altera os estigmas que carregamos da periferia, como bem descrito,

Os bairros de periferia dificilmente são tratados como lugares de cultura no nosso cotidiano, ou seja, as pessoas que nela moram não são tratadas como seres pensantes, criativos, com inúmeras ideias e ideais. Entretanto, estes lugares, estas pessoas, estão cobertos por marcas que grafam e retratam cultura, arte e valores de uma cultura popular, periférica. (FIGUEIREDO; PIRES; HEIDRICH, 2018).

Por isso vejo a importância dos alunos passarem a perceber que a periferia não é apenas um lugar precarizado, mas composta de pessoas fortes, guerreiras, pensantes e formuladoras de saberes, conhecimentos e cultura. Que o trabalho braçal desempenhado por estes, a precarização proposital, é que são as bases que sustentam um modelo de fatura, onde poucos têm acesso e a maioria ficam a margem. Por exemplo, uma atividade que me veio à cabeça enquanto escrevo este trabalho, pensando na realidade dos meus alunos, e que pretendo colocar em prática em sala de aula seria; como o seu bairro normalmente aparece nos noticiários? Ele se resume a notícias negativas? Quais atividades comunitárias, culturais, ou encontros são realizadas em seu bairro? Podem ser atividades simples, desde rituais religiosos em terreiros, expedir oferendas em cruzeiros, a rodas de samba, brechós, encontro de associações e afins. Tudo que demarque uma territorialidade deste espaço.

A atividade poderia iniciar com uma conversa prévia com os alunos sobre seu bairro, os problemas deste lugar, e o que estes alunos conhecem, o que já viu. Em

um segundo momento seria solicitado para eles pesquisarem e trazerem notícias que são dos seus bairros, além de pesquisarem o que acontece de encontros e atividades culturais nestes lugares. Penso que, solicitar para os alunos de alguma forma, falarem sobre seus bairros, os lugares que eles habitam, é uma ótima forma de trazê-los para dentro da sala de aula, digo de torná-los realmente presentes, ouvindo e dialogando. Além disso, acredito que quando abrimos espaço para eles falarem sobre estes lugares e querendo ou não sobre suas vidas, dentro de um espaço escolar, pode contribuir para humanização do processo educativa. Além de produzir uma valorização das ações comunitárias e identidade periférica, desconstruir possíveis visões topofóbicas que alguns alunos podem ter sobre seu bairro e outros lugares, tornar o espaço escolar mais representativo. Afinal é o “meu mundo” que está sendo exposto em sala, é sobre ele e sobre nós que estamos tratando, e sentir-se representado dentro de instituições, de costumes, paredes e muros brancos aumenta a estima, abre portas e descoloniza.

Trazer músicas, imagens, notícias que refletem não só os problemas, mas também o que é produzido de forma positiva pelo jovem e que é da periferia contribui de forma positiva para as aulas e para relação professor e aluno. Sinto, como já citado antes, a vontade deles em participar, dialogar e algumas vezes expor a sua vivência, reconhecendo outros colegas como sujeitos que passam por problemas semelhantes, o que tem me ajudado na busca para diminuir com, como aponta Freire, “a verticalização do saber”, ou seja o professor como única autoridade, única fonte de conhecimento e saber. Com isso podemos buscar romper com a educação “bancária” denunciada a tanto tempo por Freire, que deposita, transfere conhecimento, que torna o aluno passivo e o adequa ao mundo, Freire vai falar que;

Ao educador não cabe nenhum outro papel que não o de disciplinar a entrada do mundo nos educandos. Seu trabalho será, também, o de imitar o mundo. O de ordenar o que já se faz espontaneamente. O de “encher” os educandos de conteúdos. É o de fazer depósitos de “comunicados” – falso saber – que ele considera como verdadeiro saber. (FREIRE, 1968, p. 36).

Ou seja a visão falha de que nós professores vamos tirar os alunos da completa ignorância sem fazê-los refletir, apenas transferindo, passando seus conteúdos, agindo de uma forma autoritária, onde o professor é a voz da verdade, o colono que veio colonizar/civilizar os selvagens que devem escutar, produzir e

reproduzir o que foi comunicado. Como o futuro patrão que está mais interessado que seus funcionários tenham um domínio técnico sobre o produto (conteúdo), preocupado que seus funcionários tenham produtividade (boas notas) e lucro para este patrão, caso contrário serão demitidos/reprovados. Felizmente tive boas respostas, através das minhas práticas, ao ver os próprios alunos trazendo novidades, como músicas de rap com um bom conteúdo para trabalhar em sala de aula, vídeos ou casos ocorridos em suas comunidades ou do universo deles que me ajudaram no docenciar, ou aprender um pouco mais do universo deles. O que possibilitou que agissem minimamente como protagonistas, que ficassem menos passivos em sala de aula. Fico feliz quando um aluno chega até mim e diz “olha sor, aquilo que tu falou em aula”.

Também tento, sempre que possível, buscar novidades. No sentido de propiciar que os alunos possam vivenciar o que trazemos para a sala de aula, procurar não fazer mais do mesmo, como aponta Kaercher,

A necessidade de produzir surpresas nos alunos, isto é, trazer o novo, torná-los curiosos pela próxima aula, seja por que trazemos bons temas para serem discutidas, seja por que utilizamos novos recursos pedagógicos(uma visita ao bairro, uma entrevista, um vídeo, um texto, fotografias, charges, etc.).(KAERCHER, 2009, p.142).

Fazendo com que as aulas não caiam tanto na rotina, não fiquem sempre no mesmo método, buscando sair um pouco do quadro, na discussão das questões ou na entrega de atividades. Poder vivenciar na prática os levantamentos em sala de aula ou trazer outros recursos de fato é um grande ganho.

Trago, na sequência, pequenas propostas de atividades, algumas práticas que realizei e que podem ser ampliadas, aprofundadas, tomar novos rumos. Algumas destas práticas utilizei com objetivo de produzir surpresas, como citado acima, e possibilitar aos alunos vivenciarem o que foi visto ou discutido em aula. Além de falar um pouco sobre minha realidade escolar e abordar a lei 10.639/03 que trata do ensino da cultura e história africana e afrobrasileira no ensino de geografia e cultura Hip Hop.

4 À ESCOLA, ATIVIDADES E PROPOSTAS COM O HIP HOP

A escola estadual onde desenvolvo as atividades que seguem abaixo é de ensino médio, está localizada no bairro Medianeira, em Porto Alegre. Um bairro de classe média, com algumas escolas particulares em seu entorno, mas que também é muito próxima a bairros marginalizados, cujo meus alunos são em grande maioria oriundos. Como as comunidades da grande Cruzeiro, cujo seus moradores ainda sofrem com remoções ligadas a copa de 2014, e possui um forte histórico de conflitos e violência ligados a facções que disputam aqueles territórios. Além de comunidades pertencentes ao bairro Glória, como Alpes, vila Renascença, do bairro Partenon como vila Maria Degolada, Morro da Polícia, São José e outras.

Esta condição faz com que o público escolar tenha uma certa homogeneidade, por serem alunos de condições e situações de vida similares, mas ao mesmo tempo faz com que o ambiente escolar seja por vezes tenso, conflitante, por viverem em comunidades de diferentes localidades e sofrerem influência das distintas facções que permeiam estes lugares. Além de muitas vezes já chegarem ao ensino médio com envolvimento em diferentes atividades ilícitas. Portanto meu trabalho sempre caminha em um sentido que permita com que estes alunos se identifiquem como sujeitos que sofrem e passam por situações e processos idênticos, e que passem a ver o outro como um semelhante, por isso digno de respeito e solidariedade. O que acaba me servindo como mais um dos motivos para trazer a cultura Hip Hop para sala de aula.

4.1 “Cada lugar um lugar”

Uma das atividades que desenvolvo no início do ano letivo, e que rende bastante assunto, constitui em princípio, que os alunos definam a ferramenta de análise lugar a partir de suas experiências, do lugar onde residem, contudo uso como referência Yi Fu Tuan, que sugere o lugar como sendo dotado de significação, afeto e percepção. Começo a atividade passando duas músicas com suas letras em momentos diferentes. Início com a música, já citada anteriormente, “Periferia é Periferia” dos Racionais Mcs. Me atento neste momento ao trecho que diz,

Este lugar é um pesadelo periférico, fica no pico numérico de população. De dia a pivetada a caminho da escola a noite vão dormir enquanto os manos "decola" na farinha... hã! Na pedra... hã! Usando droga de monte, que merda! hã! Eu sinto pena da família desses cara, eu sinto pena, ele quer mas ele não para! Um exemplo muito ruim pros moleque, pra começar é rapidinho e não tem breque, herdeiro de mais alguma Dona Maria, "cuidado, senhora, tome as rédeas da sua cria!" Porque o chefe da casa, trabalha e nunca está, ninguém vê sair, ninguém escuta chegar, o trabalho ocupa todo o seu tempo, hora extra é necessário pro alimento, uns reais a mais no salário, esmola de um patrão, cuzão milionário!

Ser escravo do dinheiro é isso, fulano 360 dias por ano, sem plano, se a escravidão acabar pra você, vai viver de quem? Vai viver de quê? (RACIONAIS Mcs, 1997).

Onde há uma definição dada por eles do que é um lugar periférico, onde podemos imaginar e representar a paisagem deste lugar, retratando os problemas cotidianos de quem habita esses espaços, possibilitando fazer relações com a realidade vivida pelos alunos. Dos primeiros questionamentos que faço aos alunos ao destacar este trecho é, o que este trecho da música tem de semelhante com a sua realidade? É necessário destacar que logo ao tocar a música e passar a folha com a sua letra já ouço comentários do tipo; "Bah sor, esse é o fado", "Dá um ganho no som" e assim por diante. Isto se dá pelo fato de as músicas deste grupo, Racionais Mcs, estar muito presente nas comunidades. Por literalmente representarem a periferia, suas músicas foram e ainda são hinos para muitos moradores destes lugares.

Voltando ao trecho da música, escuto muitas coisas que foram comuns tanto para mim, quanto é para eles, como o fato do pai não estar presente por ter que garantir o ganha pão, que durante o dia em suas comunidades é muito forte o movimento de crianças indo às escolas, que é muita gente morando perto uma da outra. Também aproveito o trecho; "Se a escravidão acabar pra você, vai viver de quem? Vai viver de que?" Perguntando em que momento da nossa história poderíamos relacionar este trecho? Ao obter a resposta a pergunta que me guia é, após a abolição deste sistema, a população negra teve direito a terra ou a trabalho? Para onde migraram? Já aproveito para questionar o que é migração e será que não seria digno esta população ter tido algum tipo de ressarcimento, reparação pelo que aconteceu com ela? O que seria de diferente no Brasil se isto tivesse acontecido?

Esta enxurrada de questionamentos, dependendo da turma, já me levou a ficar um período inteiro em diálogo com os alunos. Tendo ouvido comentários desde

o tipo; “Bah sor, isso explica muita coisa” ou “nunca tinha pensado nisso”. Não posso negar meu ar de satisfação ao ter ouvido este tipo de frase, é de fato motivador.

Posteriormente escutamos a música “Um bom lugar”, do rapper Sabotage, 2000, com seu respectivo clipe. Procuo me apegar as imagens do videoclipe, que mostra o rapper cantando junto a sua comunidade, demonstrando união entre os moradores deste lugar e o refrão desta música, que diz que “um bom lugar, se constrói com humildade, é bom lembrar, aqui é o mano Sabotage, vou seguir sem pilantragem, vou honrar, provar, no Brooklyn, tô sempre ali, pois vou seguir...” Neste momento procuro direcionar a aula no sentido de fazer os alunos perceberem como é definido lugar nas duas músicas. Os alunos apontam as diferenças sem dificuldades; “Um só fala da dura realidade, o outro tá falando que lugar se constrói sem pilantragem, com humildade”. Procuo também deixar nítido para eles que para geografia lugar também vai ter vários significados, polissêmico, e que não existe um consenso para definir lugar.

Para me entregarem, em outra aula, proponho uma atividade que visa aos alunos escreverem um texto, onde devem descreverem suas comunidades, como eles definiriam o seu lugar, o que percebem do cotidiano, o que tem de aspecto positivo e negativo, o que eles acham deste lugar, como gostariam que fosse, como é a paisagem, já no sentido de trabalhar este conceito com eles futuramente. O resultado, por vezes, surpreende, alguns fazem uma descrição sem muita profundidade, muitos descrevem a paisagem como sendo apenas o que seria natural, como árvores, morros e arroios, ou que “não tem paisagem, é só casinha”, o que me dá o gancho para questionar o que considera ser paisagem. Mas às vezes, mesmo eu também sendo morador de periferia, choca ler seus relatos. No sentido de eu professor perceber a dura realidade de muitos jovens. Alguns descrevem que não saem de casa por seus bairros estarem em guerra, que gostariam que na sua comunidade houvesse praças, ou que possui praça, mas gostaria que não fosse perigoso ir até elas.

Muitos descrevem que apesar dos problemas gostam de onde moram, por estarem próximos a amigos e familiares, também relatam problemas como lixo nas ruas, esgoto a céu aberto, riscos de ter que sair do lugar onde mora e ter de pagar aluguel em outro lugar, ou estar andando para ir a escola e ver uma pessoa esticada no chão, crivada de bala, ou do risco de levar uma bala perdida. Em princípio peço para os alunos lerem seus textos em aula para outros colegas, o que na maioria das

vezes não acontece, normalmente por vergonha, assim acabo selecionando alguns textos e lendo para os alunos, porém sem dizer o nome de quem escreveu o texto. Alguns comentam, “na minha quebrada também rola isso”, ou “ah já sei que lugar é esse, sor”, ou aproveitam o momento para relatarem fatos recentes, tipo “ bah sor, lá na vila esse find...” O fato é que quando os vejo falando de seus lugares de forma espontânea, deixo de me preocupar no direcionamento da aula, e sim em deixá-los falar, expor o que veem ou o que sentem. Para finalizar procuro sintetizar no quadro o que eles falam, questiono se eles gostam dos seus lugares, em grande parte dizem que sim, mas são os problemas em seu entorno que fazem este lugar ser ruim. Ou seja existe o sentimento de pertencimento, uma identidade com estes locais apesar de seus graves problemas.

O que percebe é que esta atividade relatada acima contribui para sensibilizar os alunos por alguns motivos já citados, como reconhecer que muitos colegas passam por problemas semelhantes, sendo estes dos mais diversos possíveis, que acabamos discutindo questões que são as raízes de muitos problemas sociais no nosso país, além de introduzir ferramentas de análise que são típicos da geografia.

4.2 Saída de Campo: Casa do Hip Hop de Esteio

Outra atividade que todos os anos busco fazer é uma visita a cidade de Esteio, região metropolitana de Porto Alegre, mais precisamente na Casa do Hip hop de Esteio, a primeira casa do hip hop do Rio Grande do Sul. Os objetivos da atividade vão depender de qual ano do ensino médio estou levando, em princípio são objetivos pontuais podendo variar entre compreender como a cultura Hip Hop provoca transformações no espaço urbano, como a cultura de origem africana está presente na cultura globalizada e em nosso cotidiano, entre outros. A vivência permite aos alunos experienciarem um espaço coletivista, que não depende de órgãos governamentais, sendo construída pela simples vontade e necessidade daquelas pessoas em fazer algo que não fosse significativo apenas para elas, mas também para outros, estando atualmente financiada pela Organização das Nações Unidas.

O que me chama a atenção, além do relatado anteriormente, é perceber que este lugar é um espaço educacional criado por jovens, onde estes possuem voz ativa, primam pela união e respeitam ao próximo, além da prática a cidadania. Como

meus alunos são de Porto Alegre, a saída acaba por se tornar atrativa por vários motivos. Primeiro por optar de ir de trem até a cidade de Esteio, vários alunos nunca fizeram este tipo de viagem, o que provoca entusiasmo a muitos, que por vezes não conhecem nem o centro histórico de Porto Alegre, o que me permite trabalhar assim as diferentes paisagens de cada cidade, o centro histórico de Poa com sua agitação, a forte presença do comércio e suas *rugosidades*⁷, como o Mercado Público, o prédio da antiga Prefeitura, Cais Mauá e assim por diante. Ao longo do percurso vai se transformando em uma paisagem mais empresarial e fabril, e por fim chegamos a um lugar com um ar de cidade rural, que mantém uma forte ligação com o Polo Petroquímico e demais indústrias desta região, vendo assim os diferentes tipos de uso do solo de acordo com a hierarquia de cada cidade e sua localização geográfica. Por conseguinte visitar a casa do Hip Hop, que é tida como a maior da América Latina, permite vivenciar mais desta cultura e conhecer das transformações que a cidade de Esteio galgou a partir da inauguração desta casa, que passou a receber ativistas, educadores, acadêmicos e artistas de âmbito nacional e internacional. A importância social que esta casa possui se torna indiscutível, como apontado no pela Associação da Casa do Hip Hop (ACHE);

O projeto elaborado e implementado pela Associação da Casa do Hip Hop de Esteio na Casa de Cultura do Hip Hop de Esteio tem o objetivo principal de fomentar a prevenção ao trabalho infantil e a redução da vitimização letal de homens e mulheres, assim como a promoção de direitos humanos das juventudes, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social. Mediante 12 oficinas temáticas que abordam os cinco elementos do Hip Hop: Emcee; Deejay; Graffiti; Breaking e Conhecimento. Dessa forma, além de disseminar técnicas para a profissionalização das juventudes na área, promoveu-se as interações sociais, o empoderamento e a reflexão acerca de temáticas como a cultura de paz, o acesso a políticas públicas, a igualdade de gênero e de raça. O projeto se faz também como espaço de acolhimento articulado com a rede de saúde e educação tanto no município de Esteio como de municípios vizinhos e recebe encaminhamentos dos CAPS(Centro de Atenção Psicossocial) e algumas escolas, configurando-se assim, lugar de cuidado, de prevenção e de cultura e formação.

Portanto os alunos acabam conhecendo e vivenciando um espaço de resgate e de diferentes aprendizagens, realizando uma breve oficina sobre algum elemento do Hip Hop, conhecendo a história da casa, seus projetos e objetivos, conhecendo mais sobre a cultura e seu potencial transformador, relacionando cultura identidade e

⁷ Rugosidades é um conceito desenvolvido pelo Geógrafo e Professor Milton Santos que trata do registro cultural, tecnológico e material das atividades humanas criadas no espaço passado, registradas, impressas no espaço geográfico presente.

auto afirmação. Na aula seguinte, abro espaço para uma conversa com os alunos, para relatarem como foi a vivência, como se sentiu no espaço, e assim por diante. Cobro também um relatório sobre a saída, onde cada aluno deve descrever a vivência, o que aprendeu com a saída, o que chamou a atenção. Alguns comumente esboçam entusiasmo por conhecer aquele espaço, falam muito dos grafites nas paredes, ou da organização do espaço em si. Procuro dentro deste diálogo trazer uma relação com a escola, no sentido de saber o que eles achariam deste espaço se ela fosse mais parecida com a Casa do Hip Hop. Muitos relatam que seria muito mais atrativa a escola, ou que se sentiriam melhor num espaço parecido com aquele, que é mais acolhedor. Outros relatam a experiência de ter pego o trem, ou de ter saído da escola, e ver coisas novas, como algo que por si só já é positivo. Ou seja, por mais que o aluno não tenha gostado de conhecer a Casa do Hip Hop ou não tenha se identificado, botar o pé na rua, pegar o ônibus e o trem, conhecer minimamente parte da região metropolitana já acaba sendo uma aventura a ser explorada.

5 LEI 10.639/03, CULTURA HIP HOP E ENSINO DE GEOGRAFIA

Em relação a lei 10.639 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afrobrasileira e africana nas escolas, devemos considerar que o próprio uso da cultura Hip Hop como tema a ser trabalhado em sala de aula, contemplaria esta lei. Pois como já mencionada, trata-se de um movimento cultural que carrega consigo a resistência de diversos povos, que ao longo dos séculos criaram a partir da precariedade imposta, formas de reexistir, de expressar seus cantos, suas batidas, danças, ritos e crenças, incorporando estas ao contexto em que se encontram. Que está diretamente ligada a pessoas cujo seus ancestrais, sofreram migrações forçadas, tiveram seus territórios saqueados, foram perseguidos, que são refugiados e vivem à margem da sociedade. Trata-se de indígenas, negros, mestiços que foram postos ao subdesenvolvimento, mas que como já citado, encontram formas de resistir, reexistir e ressignificar sua cultura. Porém é necessário pensar esta lei no âmbito da geografia, e pensar formas de deixar nítido para os alunos, todo este peso que carrega não só a cultura Hip Hop, mas a cultura *Ameericana*⁸ em geral .

No âmbito da Geografia pensar as relações étnico-raciais é de fundamental importância para compreender as contradições grafadas no espaço geográfico e que foram naturalizadas através de séculos de exploração e racismo. Como afirma Santos,

Isto torna a leitura espacial das relações raciais uma tarefa importante, pois a raça é um princípio social de classificação de indivíduos e grupos, construído artificialmente para o ordenamento de relações de hierarquias e poder. Enquanto tal, ela regula comportamentos e relações, interfere nas trajetórias de indivíduos e na inserção social de grupos, sendo então um fator crucial na constituição da nossa estrutura social e espacial. (SANTOS, 2010, p. 143- 144).

E segue falando que,

⁸ América Ladina é um conceito criado pela, Antropóloga, Professora e Ativista Lélia Gonzalez, segundo ela seria um termo mais democrático, culturalmente mais realista e coerente com os povos do novo mundo, pois pode resgatar uma unidade específica, sendo um conceito etnogeográfico de referência, designando toda uma descendente de africanos trazidos pelo tráfico negreiro e povos que chegaram antes de Colombo. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

A sociedade brasileira, cujas elites e Estado já tiveram um projeto de branqueamento da população, e que durante muito tempo se proclamou uma democracia racial, vem cada vez mais admitindo que tem no racismo um de seus persistentes (e, incômodos) pilares. E, isto tem dimensões espaciais. (SANTOS, 2010, p. 144).

Estas dimensões ficam visíveis por exemplo ao analisarmos ou estudarmos o espaço urbano de praticamente qualquer cidade das *Américas*, onde os processos de escravização e exploração dos povos originários e populações africanas foram intensos e similares. Estes processos deixaram marcas que se aprofundaram e se materializaram com o desenvolvimento dos centros urbanos, e pela falta de reparação aos crimes cometidos a estes povos. Como no caso da periferização da população negra nas grandes metrópoles, e invisibilização destas pessoas, como no caso de Porto Alegre, na tentativa de clareamento da população brasileira provocada pelos governos eugenistas.

Nos dados de homicídios de negros mortos a cada vinte e três minutos, no encarceramento maciço, nas taxas de desemprego e salários inferiores quando comparado ao salário da população branca, e assim por diante. Já em escala mundial percebemos na xenofobia e no racismo quanto a refugiados que buscam países europeus, que exerceram e ainda exercem grande influência no continente africano, quanto na fronteira México/ Estados Unidos, na continuação velada do Apartheid social na África do Sul e na formação de guetos em outros lugares do dito mundo subdesenvolvido. Portanto podemos perceber espacialmente, tanto em escala global quanto local, como o racismo atua e está presente no espaço geográfico, assim como as heranças culturais dessas populações, como as rodas de capoeira em espaços públicos, a musicalidade, os bailes, encontros, as tradições religiosas nas encruzilhadas e em casas de terreiro e demais práticas culturais. O que propicia a valorização cultural, representatividade e um ensino de Geografia antirracista.

Neste sentido a cultura Hip-Hop traz uma série de artistas e ativistas que traz os problemas sociais e raciais enfrentados pela população negra, além de empoderamento, fortalecimento de identidades e da cultura. Devemos nos atentar que os elementos da cultura traz arraigado características da ancestralidade africana, como por exemplo o Mc (Mestre de cerimônia), cujo podemos relacionar a figura do Griot, figura frequente no continente Africano, tratando-se daquela pessoa

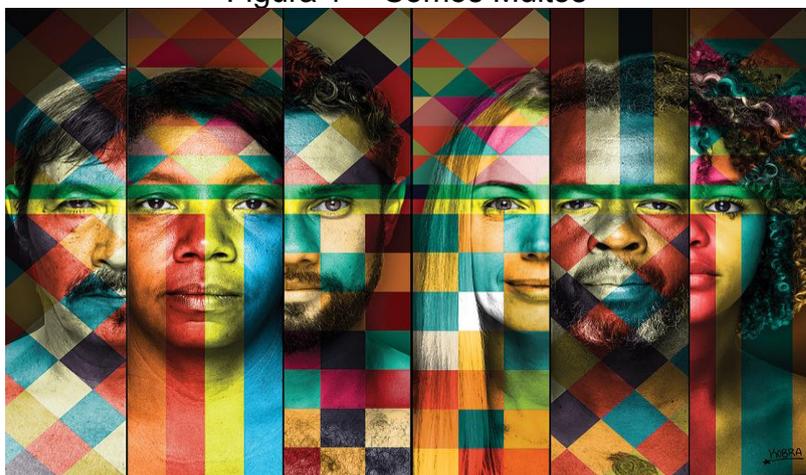
que conta as histórias, passa mensagens, conhecimentos e mitos de uma determinada comunidade para os mais jovens, função essa geralmente atribuída ao ancião de uma comunidade, devido à sua sabedoria e ao conhecimento por ele que é acumulado.

Se tratando do Rap o que mais há são muitas músicas que trazem as questões que envolvem a população negra, uma das músicas que costumo utilizar é “Carta a mãe África” do rapper Gog,

Dos seios da mãe África e do coração. É hora de escrever entre a razão e a emoção. Mãe! Aqui crescemos sub-nutridos de amor. A distância de ti, o doloroso chicote do feitor...Nos tornou! Algo nunca imaginável, imprevisível. E isso nos trouxe um desconforto horrível. As tranças, as correntes, a prisão do corpo outrora...Evoluíram para a prisão da mente agora. Ser preto é moda, concorda? Mas só no visual. Continua caso raro ascensão social. Tudo igual, só que de maneira diferente. A trapaça mudou de cara, segue impunemente. As senzalas são as anti-salas das delegacias. Corredores lotados por seus filhos e filhas...(Álbum Aviso às gerações)

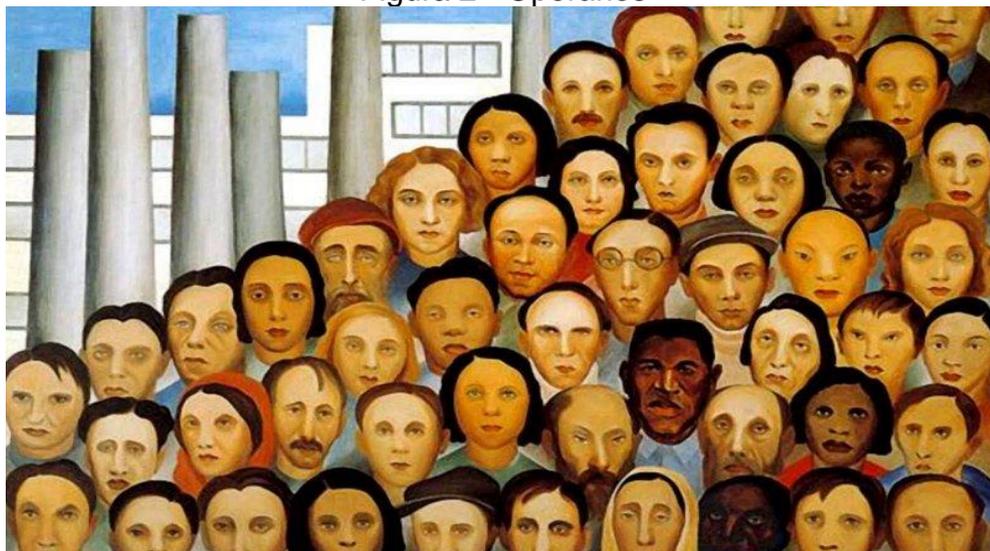
Aqui busco trabalhar o tema diversidade do povo brasileiro, povos africanos e diáspora, o objetivo é compreender como se formou a população brasileira, qual o papel da população negra no desenvolvimento da população brasileira, nos ciclos econômicos e na cultura, além de buscar compreender sua situação atual. Antes de passar esta música e como introdução ao tema trago o grafite do muralista kobra em conjunto com a obra do ano de 1933, “Operários”, da artista Tarsila do Amaral.

Figura 1 - “Somos Muitos”



Fonte: Arte - Kobra.

Figura 2 - Operários



Fonte: Obra Operários - Tarsila do Amaral

Onde solicito aos alunos relacionarem as obras, o que elas representam, o que podemos supor com a obra da Tarsila, quais grupos étnicos aparecem nesta obra, o que a paisagem da obra nos diz, em que sentido podemos comparar com a obra do Kobra, quais lugares do mundo poderiam ser essas pessoas e por que elas estão ali. A partir do diálogo com os alunos vou tentando sistematizar o que dizem no quadro e buscando fazer com que façam links entre o que dizem e as obras. Pelas turmas serem muito heterogêneas a dinâmica das aulas nunca acaba sendo as mesmas, mas nos diálogos iniciais acabam dando um enfoque na obra de Tarsila. Por exemplo, em uma das últimas aulas no primeiro ano, relataram que há orientais, negros e árabes, o que já dá uma conversa interessante.

Questionei, mas como sabem que são orientais? E o que determina que são árabes? As respostas se deram pela fisionomia como o olho puxado para os “orientais”, e o véu para as mulheres árabes. O que me permite ir adiante; Então quer dizer que todos os árabes usam véu e todos os orientais tem olho puxado? O que percebi na verdade foi uma confusão criada possivelmente por estereótipos. Nesta aula em específico desviei o enfoque, no sentido de fazê-los compreender primeiramente qual a diferença entre ocidente e oriente, a diversidade de povos que habitam o oriente, diferença entre ser muçulmano e árabe, para posteriormente voltar a falar em população brasileira. Outras turmas já deram respostas mais dentro da proposta da obra como; “A quantidade de povos que vieram para trabalhar no Brasil sor” ou “ a do kobra mostra mais a população atual” O que me permitiu

trabalhar posteriormente como que essas populações vieram para o Brasil, de que forma algumas vieram para cá, e quais já habitavam, o que me deu o “gancho” para falar tanto dos povos do continente africano com a música do Gog, começar a trabalhar em cima da diáspora africana, e a contribuição e atual situação do população negra brasileira, assim como dos povos indígenas.

6 A POPULAÇÃO NEGRA INVISIBILIZADA EM PORTO ALEGRE

O tema “A população negra invisibilizada em Porto Alegre” que tem como objetivo compreender as contribuições culturais, urbanização e segregação socioespacial na cidade de Porto Alegre, remoções, e quem são os “heróis” lembrados em monumentos e ruas da cidade de POA. A atividade central deste tema constitui uma saída de campo nos Territórios Negros da cidade, onde escreverei sobre mais adiante, e os alunos devem me entregar um relatório sobre a atividade. Para iniciar o tema costumo trazer a música “manifesto porongos” do grupo Rafuagi, junto com seu videoclipe.

A música traz em seu refrão uma errata de um trecho do hino Rio Grandense, cujo o hino diz “povo sem virtude acaba sendo escravo” para “povo que não tem virtude acaba por escravizar”. A partir deste refrão, onde já consigo problematizar em sala de aula a questão do racismo no hino riograndense, a música traz um resgate sobre o papel dos Lanceiros Negros, traídos na revolução farroupilha, dando uma importância para este grupo que foi inviabilizado, ou minimizado. O videoclipe mostra monumentos da cidade de Porto Alegre e animes de líderes da dita revolução que tiveram papel fundamental no acordo para traição e massacre dos Lanceiros, além de mostrar como contraponto, lideranças quilombolas e personagens importantes do movimento negro Porto Alegrense como o poeta Oliveira Silveira, o Quilombo da família Fidelix, o sambista Lupicínio Rodrigues, entre outras importantes figuras de luta.

Acabamos trabalhando representatividades e segregação socioespacial, urbanização e contradições do espaço urbano de Porto Alegre, como seria importante da reparação histórica, direito à cidade. A saída de campo, Territórios Negros sempre acaba sendo surpreendente, caminhamos a partir do antigo largo da forca, hoje praça Brigadeiro Sampaio, mas também conhecida como praça do Tambor, até a Redenção, passando antes por lugares como praça da Alfândega, Mercado Público, Esquina Democrática, antes conhecida como *Esquina do Zaire*⁹,

9 Esquina do Zaire foi um nome incorporado pelo movimento negro porto alegrense, como forma de demarcação de sua presença e sua cultura nesta cidade, a Esquina do Zaire localiza-se mais especificamente na esquina Democrática, rua das Andradas com Borges de Medeiros. “Esta referência foi da Copa de 1974, a primeira a ser televisionada. Na competição, a seleção do Zaire jogou e foi um choque para quem assistia ver um time apenas de negros. Logo, qualquer concentração de pessoas negras era chamada de Zaire.” Disponível em:

etc. Não posso dizer que na primeira vez que fiz a atividade deu tudo errado, mas não havia refletido que juntar uma quantidade de jovens em pleno centro histórico, cinco turmas de ensino médio, me exigiria um desgaste físico tremendo, muitos não ouviram metade do que eu disse, e outros ficaram muito dispersos, o que me fez planejar melhor para as próximas vezes, focar em levar as turmas em momentos diferentes, ou perceber qual melhor ano de ensino para realizar a atividade. Mas de maneira geral sempre acaba sendo positiva a saída, como colocado antes, muitos alunos não conhecem seu Centro Histórico, tornando a saída atrativa. Muitos colocam em sua conclusão de relatório ou nas conversas pós campo que não faziam ideia do quanto a população negra está presente nesta cidade, que ficam horrorizados com o que acontecia no Largo da Força, ou pela história da Igreja das Dores.

7 NORTE NORDESTE

Outra proposta, dentro de outras que poderíamos citar traz o rapper RAPadura com a música “Norte nordeste me veste” fazendo uma mistura entre embolada, cultura onde se improvisa rimas ao som de um pandeiro, prática cultural típica do nordeste brasileiro, ao rap. Certo trecho dessa música diz;

Foram nossas mãos que levantaram os concretos os prédios, os tetos, os manifestos, não quero mais intermédios, eu quero acesso direto às rádios, palcos abertos, inovar em projetos protestos arremesso fetos, escuta! a cidade só existe por que viemos antes na dor desses retirantes com suor e sangue imigrante. Rapadura eu venho do engenho rasgo os canaviais meto o norte nordeste o povo no topo dos festivais, toma! (RAPadura Xique Chico, Norte nordeste me veste, 2010)

Trazendo uma valorização da cultura e identidade do povo nordestino, denunciando a centralização econômica e cultural do eixo sul e sudeste, denunciando a luta do povo trabalhador que imigrou em diferentes épocas dos ciclos econômicos brasileiros, que foram mão de obra base para o desenvolvimento econômico e construção de grandes metrópoles de diferentes regiões brasileiras, mas que sofrem de inúmeros preconceitos culturais, raciais e desvalorizações, ausência de investimentos. Com esta música podemos introduzir temas como desigualdades regionais, as diferentes propostas de regionalização, imigração e ciclos econômicos, culturas regionais. Solicitar aos alunos pesquisarem a embolada, se temos outras formas de expressão e manifestações culturais similares em diferentes regiões do Brasil; globalização, racismo, buscar romper com preconceitos e estereótipos criados contra estes grupos. Como rima RAPadura;

Minhas irmãs, meus irmãos, se assumam como realmente são, não deixem que suas matrizes, que suas raízes morram por falta de irrigação, ser nortista e nordestino meus conterrâneos num é ser seco nem litorâneo, é ter em nossas mãos um destino nunca clandestino para os desfechos metropolitanos. (RAPadura Xique Chico, 2010)

Portanto o Hip Hop em conjunto com o ensino de Geografia, pode, além de introduzir ou trazer temas tradicionais da disciplina, buscar desconstruir preconceitos, valorização cultural, conhecer o outro e conscientizar.

O que proponho nas aulas na verdade é sensibilizar os alunos a partir das contradições que vivenciamos e que como já dito naturalizamos frequentemente.

8 CONCLUSÃO

Em vista do que foi apresentado anteriormente, vemos que a cultura Hip Hop é resultado do intercâmbio cultural de populações *amefricanas* condicionadas a marginalização e precarização. E como resposta às *necropolíticas* implementadas neste continente, em específico nos Estados Unidos, onde o movimento surgiu e seus ativistas lutavam por acesso a direitos básicos para sua existência. Ao globalizar e chegar no Brasil ganha novos adeptos, sendo adequado à realidade local e regional, seu impacto contribuiu para a formação de ativistas culturais e sociais que usam dos elementos do Hip Hop para buscarem soluções a realidade imposta, união entre os moradores das periferias, luta por direitos sociais, valorização da cultura e identidade racial e local.

A cultura Hip Hop por estar nas ruas, nos muros, nos corpos, nas batidas e nos ouvidos, assim como a Geografia está, pode servir como um ótimo suporte para o desenvolvimento de atividades e aulas voltadas ao ensino desta ciência, assim como para outras áreas de ensino. Além de suporte para trabalhar a partir do olhar da Geografia a lei 10.639/03 que visa o ensino da história e cultura Africana e Afrobrasileira. Visto que a cultura Hip Hop carrega consigo elementos culturais e ancestrais dos povos originários e em diáspora, podendo ser analisado assim através de sua espacialização. Suas temáticas, se tratando do Hip Hop ativista, discorrem de problemas sofridos cotidianamente por estes povos, de identidade, empoderamento, conselhos, denúncias, resgate e reparação histórica e cultural, contribuindo também para uma educação anti racista.

Acredito ser necessário deixar nítido que há ainda um universo a ser desbravado relacionando cultura Hip Hop e ensino de Geografia. E que estou em processo de construção, ainda há de forma geral, muito a ser lapidado e aprendido nas minhas atividades como educador. Portanto na escola onde atuo, o método que encontrei para aproximar os alunos, dos nossos encontros, buscar fazê-los presentes não apenas de corpo, para ouvir e ser ouvido, para provocá-los, se deu em grande parte, a partir dos elementos da cultura Hip Hop, por ser próxima a mim e a eles. Isto não quer dizer que as aulas sempre deram certo, ou que foram boas, que não houve fracassos, mas sim que a partir do que não funcionou, busquei repensar, e reformular certas formas de abordar tal tema, ou tal atividade.

Neste sentido os alunos ajudaram muito, desde a forma como participavam, ou quando traziam algo de casa, uma música, um vídeo, às vezes mesmo uma frase que fez determinado aluno lembrar da última aula. Isto serviu como termômetro para avaliar o que estava fazendo, se estava ou não no caminho certo. Mas principalmente ajuda a me construir como ser humano, por vezes pude ouvir seus relatos de vida, por vezes também fui provocado, me identifiquei, ou me emocionei com suas palavras. E é isto que me faz crer na docência, o fato de podermos, tanto eu educador como o educando, através das diferentes formas de conhecimento, sairmos um pouco melhores da sala de aula. Este é meu objetivo. E no meu ver para isto é necessário provocá-los ao questionamento, a reflexão, a busca pelo quinto elemento, essencial para a Cultura Hip Hop, para o ensino de Geografia e para este momento sombrio que estamos passando.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, T. do. **Operários**. 1933. Pintura. Disponível em: <https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/05/22/934979/conheca-quadro-os-operarios-tarsila-do-amaral.html>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- BILL, MV. **Causa e Efeito**. 07 abr. 2010. Vídeo (5min 43s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8mEb55pqpYA>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- DAVID, C. **Independência do Brasil: precisamos de um projeto de País**. Fortaleza. 7 set. 2018. Disponível em: <https://www.professorcarlosdavid.com.br/blog/independ%C3%Aancia-do-brasil-precisamos-de-um-projeto-de-pa%C3%ADs>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.
- FIGUEIREDO, A. R. ; PIRES, C. L.; HEIDRICH, Á. L. Geografismos e cultura popular. **Mercator (Fortaleza. Online)**, v. 17, p. 1-17, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1968.
- KENY, D. Afrika Bambaataa e a Origem do Hip-Hop. **Revista Raça**, São Paulo, n. 182, out. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>. Acesso em: 25 out. 2019.
- KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Contextualizações no Cotidiano**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.135 - 169.
- RACIONAIS MCS. **Sobrevivendo no Inferno**. 1997. Vídeo (02min 16s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W4I3wm7vMT0&list=PLcbqoj6PmK64QJxqeNpO4CVN5ROB-5Jvb>. Acesso em: 27 nov. 2019.
- OLIVEIRA, D. A. Hip Hop e territorialidades urbanas: Uma construção social de sujeitos da periferia. *In*: *Reflexões sobre os “modos de vida” e a socialização dos jovens negros*. Rio de Janeiro: Editora da universidade Federal Fluminense, 2009/2010. p. 77.
- POSTALI, T. **O Hip Hop estadunidense e a tradução cultural brasileira**. Cultura Crítica, Revista Cultural da APROPUC-SP, n. 4, 2011.
- SANTOS, M. A. C.; MAFRA, J. F. O Hip Hop como prática da liberdade. *In*: GADOTTI, M.; CARNOY, M. (Org.). **Reinventando Freire**. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Lemann Center/ Stanford Graduate School of Education, 2018. p. 347-359.

SANTOS, R. E. N. Ensino de geografia e currículo: questões a partir da lei 10.639. **Terra Livre**, v. 1, p. 141-160, 2010.

SANTOS, R. E. A história do hip-hop: resistência da juventude negra no contexto neoliberal. **Cultura Crítica**, v. 7, p. 16-24, 2011.

SILVA, J. P. T.; FARIA, L. C. F. Geografia e música: a relação entre a migração jamaicana e a música internacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - ENEPE, 2018, Presidente Prudente. **Anais [...]**. Presidente Prudente, 2018. p. 1788.

TADDEO, C. E. **A guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: Carlos Eduardo Taddeo, 2012.

THAÍDE; HUM, DJ. **Ninguém sabe**. 2001. Vídeo (05min. 59s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8j3fbSs14-I>. Acesso em: 27 nov. 2019.